

## 6 Reflexões finais

Esta pesquisa surgiu do interesse pela relação entre professores e estudantes no contexto da cultura digital e se definiu quando buscou focar o docente. Num primeiro momento, meu olhar estava na aprendizagem: quais seriam as especificidades desta em tempos de massificação do acesso aos meios digitais da comunicação e de intenso tráfico de informações? Entretanto, compreendi que, para chegar à aprendizagem, precisava passar pelo ensino. E, nesta vertente, o professor saltou como um sujeito essencial de pesquisa, cujas questões giram em torno da inserção das tecnologias na sala de aula. Curiosidades acerca da forma como o docente vem se aproximando das tecnologias com as quais os alunos têm tanta familiaridade, nortearam o desenvolvimento dessa dissertação. Mas, sobretudo, pretendia captar a voz desse profissional. Queria que ele próprio me dissesse sobre suas impressões, sobre como vinha se sentindo ao exercer a docência nesse contexto. A partir daí, a fala do professor se revelou uma matéria-prima de estudo.

A aproximação dos docentes escolhidos para essa pesquisa, via entrevistas, proporcionou momentos muito instigantes para os caminhos seguidos neste trabalho. Eles têm muito a dizer e dizem sem ressalvas, com generosidade e, por vezes, em tons de desabafo, como se precisassem revelar o que já é sabido, mesmo por quem não se relaciona diretamente com a escola: ser professor hoje é, acima de tudo, uma tarefa muito difícil.

Se o imaginário tecnológico carregado pelos docentes revelou o mito da digitalização, no que diz respeito ao conflito de gerações, em que o jovem seria uma espécie de superdotado tecnológico, prescindindo dos adultos na relação com as tecnologias, parece que outro mito desde há muito se estabeleceu. Como visto, um dos aspectos principais do mito da cultura digital se refere às homilias de um mundo novo, a ser conquistado através da superação da condição humana. Na essência do mito, as tecnologias seriam a grande promessa para todos os males da humanidade. Esse ponto do mito vem atravessando o âmbito da educação: tanto nas políticas públicas educacionais, como no imaginário desses professores, às

tecnologias tem sido outorgada uma alta capacidade de resolução dos problemas da educação. É bem certo que, no primeiro caso, essa condição pareceu mais aguda. Mas, quanto aos docentes investigados, a postura de dever usar as TIC em sala de aula (ainda que não usem efetivamente) associada a noção de que estas seriam responsáveis por novas capacidades de ordem cognitiva e neurológica (habilidades ainda não comprovadas) são questões, no mínimo, intrigantes.

Enquanto tais crenças se mantêm, caminhamos pouco em direção ao entendimento de como a aprendizagem (foco dos processos educacionais) se qualificaria por meio das TIC. Sem problematizar a relação entre educação e tecnologias, a outra vertente do processo, o ensino, ainda carece de melhores definições. Quem seria o professor no contexto da cultura digital? Qual seria o perfil desejado para este profissional na contemporaneidade? Não sabemos mesmo o que esperar de nossos docentes que podem estar sendo e, segundo relatos dos sujeitos dessa pesquisa, certamente são mais cobrados do que, de fato, preparados para a interlocução tão proclamada entre as TIC e a atuação docente.

Neste sentido, observa-se que, na formação dos professores, tanto inicial quanto continuada, poucas e incipientes têm sido as iniciativas capazes de apontarem saídas reais ou de contribuir de forma eficiente com um trabalho que integre a questão da aprendizagem, enquanto promotora de desenvolvimento cognitivo dos alunos com os instrumentos tecnológicos como o computador e a internet (FREITAS, 2009, p. 9).

Ainda que não saibamos o que esperar de nossos profissionais, eles não tiveram dificuldades em apontar a maneira como percebem a atividade docente face às supostas mudanças pelas quais vem passando a profissão: em tempos de tecnologias digitais, a condição de mediadores da relação dos estudantes com as tecnologias e, em decorrência disto, com o conhecimento, revelou-se uma das principais marcas de mudança da função docente. Entretanto, esta mudança parece ainda não ter saído dos discursos destes professores para a prática efetiva. Para tanto, eles demandam por uma formação mais apropriada para assumirem a posição de mediadores na seara da cultura digital.

O intento maior desse trabalho não era subverter a lógica do imaginário tecnológico experimentado pelos docentes, no sentido de desconstruir o mito da digitalização, principalmente, no que diz respeito a percepção que estes professores tem dos jovens. A tentativa central dessa dissertação se estabeleceu em torno de desvelar o imaginário que estes docentes vivenciavam, buscando

entender as implicações deste para as relações que estão estabelecendo com os estudantes e para as práticas pedagógicas que envolvem tecnologias. Aqui tentou-se traçar alguns paralelos, numa busca por defender a importância de discussões que tratem não somente do acesso aos aparatos tecnológicos, mesmo que essa questão ainda precise ser garantida em muitas escolas. Assim:

ainda que os professores precisem conhecer e dominar as tecnologias da informação e, como todos os demais profissionais, saber utilizá-las para sua qualificação pessoal e profissional, sua tarefa não é ensinar os estudantes a utilizar tecnologias — isso eles aprendem sozinhos. O foco da formação continuada de professores deve ser a qualificação para atuarem como mediadores da relação que os estudantes têm com as tecnologias digitais, criando estratégias que favoreçam o desenvolvimento de habilidades cognitivas necessárias ao uso autônomo destas tecnologias, com fins educacionais (DUARTE, 2012, p. 5)

Desta forma, ainda que o docente, nos discursos políticos, esteja sendo exposto como o cerne da questão, este profissional precisa ser apoiado com iniciativas mais completas de formação para o uso das TIC: não somente no que diz respeito ao contato e capacitação técnica, mas também, com certa formação conceitual para as tecnologias. Por isso, no bojo dessas iniciativas, o professor também precisa ser escutado. Acredito que, o que ele pensa sobre as tecnologias e as transformações nessa consciência, que espaços de debate podem promover, são importantes pilares que sustentam a introdução das TIC nas escolas e, mais propriamente, no desenvolvimento de práticas pedagógicas. Afinal, como reformular estas práticas, a fim de que melhor coadunem com um contexto atual de denso trânsito de informações e saberes?

Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de *acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização* que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno (LÉVY, 2010, p. 174, grifos do autor).

Neste sentido, para as tecnologias contribuírem, de fato, para o processo de ensino e aprendizagem, um dos principais atores desse processo, aquele que é o responsável pelo ensino, o docente, precisa estar convencido dessa possibilidade. E nesta interface entre TIC e professores, dois aspectos precisam caminhar juntos: ainda a capacitação técnica, mas, especialmente, a capacitação conceitual. Esta sim, capaz de fortalecer ou mesmo enfraquecer os vieses tomados.